

## YOU ARE HERE: PERSONAL GEOGRAPHIES AND OTHER MAPS OF THE IMAGINATION<sup>1</sup>

MARIA JOSÉ AURINDO<sup>2</sup>

*You are here* é um livro perfeito para nos desorientar, uma porta para a criatividade de base espacial. É, por outras palavras, um livro que, pela expressividade das imagens, pelo investimento na articulação entre imagens e texto, cativa e perturba quem o lê.

Este livro consiste numa formidável colecção de mapas, cuja abordagem sugestiva e criativa faz com que ele seja de difícil classificação, pelo menos dentro das categorias a que nos acostumámos. Esta compilação de mais de 150 ilustrações em 192 páginas é o produto duma extensa recolha que inclui muito pouca cartografia tradicional, e resulta da contribuição de autores de formações diversas.

Desde um “mapa-petroglifo” datado de 2500 a.C. até ao “Rio da gratidão”, um mapa criado e personalizado *online*, Harmon procura mostrar-nos que os mapas resultam daquilo que considera ser uma transversalidade cultural: o interesse, ou mesmo a necessidade/instinto, pela localização. Estes mapas partilham o desejo de compreender o mundo (real e imaginário; exterior e interior), e sobretudo demonstram o empenho dos seus autores em transpor as barreiras impostas pela geografia, pela cartografia em particular, e pelas suas convenções.

A obra encontra-se organizada em três capítulos: *Personal Geographies*, onde se observa a “topografia” do corpo e da mente do ser humano; *At home in the World*, onde um número significativo de ilustrações demonstram domínios nunca antes cartografados, exemplificando o potencial inventivo do formato mapa; e finalmente *Realms of Fantasy*, secção que se desenvolve em torno de mapas de espaços fantásticos ou ficcionais.

Numa breve introdução, Harmon explica como se desenvolveu o seu interesse por mapas e esclarece como, apesar de conhecermos a linguagem visual dos mapas, cada um de nós tem um dialecto específico, visível na produção dos mapas do seu próprio mundo. É desde logo perceptível que a articulação entre ilustração e texto, o qual consiste em citações, ensaios e pensamentos soltos, recai sobre o leitor, o que intencionalmente liberta Harmon duma exposição de carácter explicativo e crítico.

Somos de seguida levados a conhecer alguns dos mapas que dão corpo ao primeiro capítulo. Aí podemos encontrar a “Estrada Principal da Expedição Através do Canal Alimentar” (1930), um “Diagrama de acupunctura” (s.d.), a expressiva “Topografia

---

<sup>1</sup> Harmon, Katherine (ed.) (2004) – Princeton Architectural Press, New York.

<sup>2</sup> Assistente no Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
E-mail: m\_aurindo@fl.ul.pt

de uma face” (circa 1960) ou o “Novo Mapa da Jornada da Vida: As estradas para a Felicidade e para a Miséria” (1775), exemplos claros do tipo de mapas que aqui se procuram revelar. A relação entre o espaço e corpo é aqui exemplarmente explorada, expressão de como o ser humano não vive desligado do que o rodeia e das formas de o representar. Para além destes mapas de carácter mais fisionómico, *Personal Geographies* ilustra a psicologia humana, a sua ligação ao meio, e os percursos e etapas de vida que a formam: uma cartografia da mente onde tudo aquilo que se passa no tempo assume aqui uma forma gráfica, espacial.

No segundo capítulo a variedade reina e mais uma vez a imaginação nos surpreende. Veja-se o exemplo do poema dactilografado sobre a forma de Manhattan (1997); os mapas mentais dos EUA, ora vistos por um nova-iorquino (circa 1939) ora por adolescentes norte-americanos (1991); o “Atlas Diplomático Humorístico da Europa e da Ásia” (1904) e o “Mapa surrealista do Mundo” (1929), cujos autores os utilizam para caricaturar e criticar situações políticas vigentes; ou ainda as “Cartas de navegação das Ilhas Marshall” (circa 1960), feitas de nervuras de folhas de palmeira atadas com fibra de coco e conchas ou pedaços de coral para indicar as ilhas.

Por fim reina a imaginação: “Swallows e Amazons” – um conjunto de histórias para crianças pontuadas por mapas ilustrados de forma artística, ou mesmo fantasiosa – é apenas um exemplo de como os mapas foram utilizados, com o desenvolvimento das técnicas de reprodução a partir do final do século XIX, pelos contadores de histórias como meio de tornar os seus mundos imaginados mais verosímeis. Juntam-se as “Cidades de Calvino no Rio Amazonas” (1995), que ilustra as cidades imaginárias que Marco Pólo descreve na sua viagem pelo império de Kublai Khan, ou ainda “The Great Bear” (1992), novo mapa do metro de Londres, agora com os nomes de figuras históricas, onde facilmente se pode apanhar a linha amarela até Pitágoras, mudar para a verde e ir ter a Platão, Vasco da Gama, ou Yuri Gagarine.

Os exemplos aqui apresentados não são seguramente bastante para ilustrar a diversidade e a criatividade das propostas. Quem pensar que uma passagem fortuita pelas páginas deste livro é suficiente perderá belas viagens em torno de autênticas metáforas cartográficas, numa obra ambiciosa e extremamente sedutora.